

UMA TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS DE "UN VOL" (1923) [2018],  
CONTO DE SAINT EXUPÉRY

Augusto Darde

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo**

Antoine de Saint Exupéry (1900-1944) é um escritor francês conhecido em todo o mundo, notadamente pelo livro *O Pequeno Príncipe* (1943), traduzido em 361 línguas e dialetos. Piloto de avião desde a juventude, trabalhou, na década de 1920, no correio aéreo da *Latécoère*, que virou a *Compagnie générale aéropostale*. Iniciou a carreira paralela de escritor na mesma época, tendo publicado vários livros sobre aviação antes da célebre obra de 1943. O conto "Un vol", escrito em 1923 e vindo a público recentemente, em 2018, foi o primeiro texto sobre aviação assinado por Saint Exupéry. No presente trabalho, apresentaremos brevemente aspectos gerais do conto para, em seguida, propormos uma tradução inédita e integral de "Un vol" em português, explorando o referencial teórico que nos guiou (Dubois, 2012; Durieux, 1999; Rónai, 1983 e 2012) e comentando sobre dificuldades de compreensão e de tradução, escolhas e soluções no decorrer desse processo tradutório.

**Palavras-chave:** Saint Exupéry; Conto; Tradução; Dificuldades de compreensão; Dificuldades de tradução.

**Résumé**

Antoine de Saint Exupéry (1900-1944) est un écrivain français connu dans le monde entier, notamment pour son livre *Le Petit Prince* (1943), traduit en 361 langues et dialectes. Pilote d'avion depuis sa jeunesse, il travaille dans les années 1920 dans la poste aérienne de la Latécoère qui devient la Compagnie générale aéropostale. Il a en parallèle commencé sa carrière d'écrivain à la même époque, ayant publié plusieurs livres sur l'aviation avant le célèbre ouvrage de 1943. Le conte "Un vol", écrit en 1923 et récemment rendu public, en 2018, a été le premier texte sur l'aviation signé par Saint Exupéry. Dans ce travail, nous présentons brièvement des aspects généraux du conte pour proposer, ensuite, une traduction inédite et intégrale d'"Un vol" en portugais, en explorant les références théoriques qui nous ont guidé (Dubois, 2012 ; Durieux, 1999 ; Rónai, 1983 et 2012) et en commentant les difficultés de compréhension et de traduction, les choix et les solutions au cours de ce processus de traduction.

**Mots-clés :** Saint Exupéry; Conte; Traduction; Difficultés de compréhension; Difficultés de traduction.

**1. Un vol na obra de Saint Exupéry**

No capítulo *L'avion et la planète* [O avião e o planeta], de *Terre des hommes* [Terra dos homens], Saint Exupéry<sup>1</sup> propõe uma espécie de ensaio ontológico do voo aeronáutico: "O avião é uma máquina, sem dúvida, mas que instrumento de análise! Esse instrumento nos fez descobrir o verdadeiro rosto da Terra"<sup>2</sup> (Saint Exupéry, 1959, p. 171, tradução nossa). A revelação de um ponto de vista que pertencia até então aos pássaros não surgiu, entretanto, nessa obra de 1939. Ele está nela bem sistematizado, como o ápice das reflexões do autor sobre o assunto, mas essa ontologia, que poderíamos nomear *geopoética do voo*, figura em suas publicações anteriores, como os romances *Vol de nuit* [Voo de noite], de 1931, *Courrier sud* [Correio sul], de 1929, e a novela *L'Aviateur* [O Aviador], de 1926. E a encontramos majestosamente esboçada já em seu primeiro texto em prosa destinado a publicação: *Un vol* [Um voo], conto de 1923. Nele, Saint Exupéry realiza o ato simbólico de fazer decolar sua pluma.

A breve narração em terceira pessoa explora as rupturas de percepção do mundo trazidas pelo deslocamento nas alturas. Da mesma forma que é registrado um exercício aeronáutico sem outra finalidade que o voo em si – o termo preciso em francês é *vol d'agrément*, voo de treinamento em português –, o texto parece um exercício de escrita: Saint Exupéry voou para exercitar o avião, para conhecer suas capacidades e, ao mesmo tempo, para explorar a potencialidade de sua criação literária. O narrador faz a descrição da paisagem a partir de impressões do piloto em voo, segue cada etapa na ordem exata de sua realização, da decolagem à aterrissagem, que acaba resultando em acidente. O leitor acompanha esse percurso de diferentes altitudes que trazem diferentes impressões e expressões da Terra.

Inédito até recentemente, *Un vol* consta nas obras completas *Du vent, du sable et des étoiles* [Vento, areia e estrelas], primeira edição em 2018, organizada e apresentada por Alban Cerisier na prestigiosa editora Gallimard. O conto foi encontrado em folhetos datilografados confiados a Louise de Vilmorin, noiva do autor no ano de 1923. O jovem de 23 anos estava, na época, liberado de suas obrigações militares e atraído pela escrita literária, à qual se dedicava durante esses anos de transição profissional e sentimental. Além de *Un vol*, que o

---

<sup>1</sup> Escrevemos o patrônimo do escritor sem empregar hífen, segundo observação de Galembert (2020, p. 7, tradução nossa): "É, na verdade, assim que Saint Exupéry ortografava seu próprio nome: atestam-no seus cartões de visita, sua assinatura ou mesmo os livros publicados em vida". No original: *C'est en effet ainsi que Saint Exupéry lui-même orthographiait son propre nom : en attestent ses cartes de visite, sa signature ou bien encore les livres parus de son vivant.*

<sup>2</sup> No original: *L'avion est une machine sans doute, mais quel instrument d'analyse ! Cet instrument nous a fait découvrir le vrai visage de la terre.*

autor pretendia publicar na *Nouvelle Revue française* – o que acabou não se realizando –, também o conto *Un accident* [Um acidente] compõe o material, sendo ambos os primeiros textos de prosa literária nos quais Antoine de Saint Exupéry escreveu sobre a aviação.

Apresentaremos, em seguida, nossa primeira proposta de tradução integral em português de *Un vol*, conto de Saint Exupéry inédito no idioma até então. Será acompanhada das referências teóricas que utilizamos e de comentários versando principalmente sobre dificuldades que julgamos importantes de serem destacadas, escolhas e soluções encontradas, além de reflexões sobre o processo tradutório.

## 2. Tradução comentada de *Un vol* em português

Entendemos o trabalho do(a) profissional tradutor(a) como aquele de "enunciar, em uma outra língua (ou língua-alvo), o que foi enunciado em uma língua-fonte, conservando", ou melhor, esforçando-se para conservar "as equivalências semânticas e estilísticas"<sup>3</sup> (Dubois, 2012, p. 486, tradução nossa). Essa necessária interrupção da citação marca os desafios inerentes ao trabalho de traduzir, visto que a conservação das equivalências semânticas e estilísticas entre duas línguas nem sempre é possível. Durieux (1999) observa que "se a tradução não apresentasse dificuldades, a tradução por computador daria excelentes resultados"<sup>4</sup> (Durieux, 1999, p. 32, tradução nossa).

Em tabelas de duas colunas, faremos a transcrição do texto original de *Un vol*, juntamente com nossa tradução, seguida de comentários no corpo do texto do presente trabalho. Iremos percorrer quatro momentos do conto segundo nossa leitura: 1) preparação, em solo, para a decolagem; 2) decolagem e primeiras impressões de voo; 3) manobra arriscada no ar; 4) descida e acidente.

Abaixo, o primeiro momento seguido de comentários:

<p>Le pilote ayant assuré ses lunettes et ayant viré le vent debout, en roulant, se trouva face au ciel. Il tira la manette des gaz et le moteur lui répondit ainsi qu'une décharge de poudre. L'avion happé par l'hélice fonça. Le sol fila sous lui comme une courroie, les</p>	<p>Tendo o piloto firmado seu visor e virado para o vento de proa, taxiando, encontrou-se de frente para o céu. Empurrou a manete de empuxo, e o motor lhe respondeu como uma descarga de pó. O avião, apanhado pela hélice, baixou o nariz. O solo passou</p>
---	--

<sup>3</sup> No original: *énoncer dans une autre langue (ou langue cible) ce qui a été énoncé dans une langue source, en conservant les équivalences sémantiques et stylistiques.*

<sup>4</sup> No original: *si la traduction ne présentait pas de difficultés, la traduction par ordinateur donnerait d'excellents résultats.*

<p>bonds secs d'abord à cause des bosses, s'amortirent dès que l'air épousa le profil des ailes, et le pilote sentit aux commandes qui déjà agissaient sa puissance grandir.</p> <p>Il maintint l'appareil au sol par une pression de la main sur le manche, comme un ressort, puis quand il sentit l'air d'abord impalpable, puis fluide devenir maintenant solide, quand il sentit sur celui-ci comme sur une épaule les ailes s'appuyer, il décolla (Saint Exupéry, 2021, p. 137).</p>	<p>abaixo dele como uma correia, os solavancos iniciais dos calos amorteceram-se logo que o ar aderiu ao perfil das asas, e o piloto sentiu que os comandos já aumentavam sua força.</p> <p>Manteve a máquina no solo por uma pressão da mão no manche, como uma mola e, sentindo o ar inicialmente impalpável, depois fluído tornar-se então sólido, sentindo como sobre um ombro o apoio das asas, ele decolou.</p>
---	---

Já nas primeiras linhas do conto, deparamo-nos com uma dificuldade de tradução relacionada à terminologia das navegações aérea e marinha, a expressão *vent debout*. Desconhecendo-a, poderíamos considerar a tradução literal *vento em pé*, mas não é o caso. *Vent debout* é, em navegação marinha, "o vento que vem da proa da embarcação. Trata-se de um vento que impede os barcos de avançarem"<sup>5</sup> (Radio France, 2018, tradução nossa). Já em navegação aérea, esse vento não é sempre um inconveniente. O *vento de proa* "é o mais indicado para as operações de pousos e decolagens, pois ele permite um ganho de sustentação antecipado, se comparado com o vento de cauda" (Agência Nacional de Aviação Civil, 2021). Desse modo, optamos pelo termo técnico, utilizado pelo autor do conto referindo-se ao mesmo domínio.

O gerúndio *en roulant*, que vem logo adiante, pode significar *rodando*. No entanto, há nuances semânticas a serem consideradas. Polissêmico tanto na língua de partida quanto na de chegada, em francês o verbo *rouler* parece-nos mais próximo à ideia de *deslocar-se sobre rodas* do que o verbo *rodar* em português, que estaria mais ligado a *girar*. Esse caso de dificuldade, que apareceu mais vezes em nosso trabalho em tela, remete ao que Paulo Rónai (2012) aponta como a crença na existência autônoma das palavras, como se a cada palavra de uma língua necessariamente correspondesse outra em outra língua qualquer: "ainda que dois vocábulos de duas línguas sejam definidos de maneira igual, os enunciados de que eles podem fazer parte não são os mesmos, nem as conotações que evocam serão iguais" (p. 42). Assim, para evidenciar o deslocamento do avião na pista, sem dar a entender um movimento circular em torno do próprio eixo, resolvemos empregar o gerúndio *taxiando*, do verbo *taxiar*, comum no meio aeronáutico para o deslocamento dos aviões antes e após o voo. Ainda no primeiro parágrafo, o trecho *fila sous lui comme une courroie* apresenta uma comparação da

<sup>5</sup> No original: *le vent qui vient de la proue de l'embarcation. Il s'agit d'un vent qui empêche les bateaux d'avancer.*

passagem da pista com uma correia em movimento; consideramos importante manter a imagem da correia que, na percepção da narração, o movimento é do solo, não do avião. Adaptamos o verbo *filer*, de difícil tradução, para *passar*.

Destacamos, nessa primeira parte, o emprego de ênclise que ocorrerá sistematicamente na tradução, a fim de preservar o nível de língua do texto de partida, afastado da coloquialidade e apresentando, naturalmente, marcas de sua época de publicação. Também procederemos, em alguns trechos, ao apagamento do sujeito, visto que sua repetição não é necessária em português, como no segundo parágrafo acima iniciado, na tradução, já com o verbo *manteve*. Com o mesmo intuito de evitar a repetição do sujeito em português no mesmo parágrafo, optamos por traduzir a repetição da locução *quand il sentit* pelo gerúndio *sentindo*. É importante mencionar que esse processo de diferentes propriedades do vento, de início impalpável, depois fluido e sólido finalmente irá reaparecer em outras obras do autor. De início em *L'Aviateur*, de 1926: "Ayant enfin jugé l'air d'abord impalpable puis fluide, devenu maintenant solide, le pilote s'y appuie et monte" (Saint Exupéry, 2021, p. 205), quase idêntico em *Courrier sud*, de 1929: "Ayant jugé l'air, d'abord impalpable puis fluide, devenu maintenant solide, le pilote s'y appuie et monte" (Saint Exupéry, 1959, p. 6), enquanto a imagem do ar sólido figura em *Terre des hommes*, de 1939: "On tente en vain le demi-tour pour rejoindre, en arrière, les zones où l'air vous soutenait, solide et plein comme un pilier" (Saint Exupéry, 1959, p. 162). De fato, a percepção do ar sólido sob as asas é uma das principais condições para a realização do voo, já engenhosamente elaborada em texto pelo jovem Saint Exupéry.

Passemos à segunda parte do conto de acordo com nossa leitura, aquela da decolagem com as primeiras impressões de voo. Dividiremos em duas sub-partes para melhor análise:

<p>Les hangars qui bordaient la piste, les arbres puis les collines livrèrent l'horizon et s'aplanirent. La Seine à mesure qu'il montait se plissa. La campagne se carrela à la façon d'une Europe d'atlas. Les jardins, les champs, les domaines, les terres jaunes de blé ou rouges de trèfle, qui sont l'orgueil des hommes et leur souci, se juxtaposèrent hostiles. Ridicule, borné, envieux, en des limites géométriques, s'avoua parqué le bonheur des hommes.</p> <p>Puis les villes se ramassèrent grisâtres. Les routes autour d'elles bâtirent une toile d'araignée gigantesque dont les fils qui s'irradiaient en étoile à travers les champs rouges, verts et jaunes prirent dans leur glu les villages paisibles. Et dans la campagne</p>	<p>Os hangares ao redor da pista, as árvores e as colinas deram lugar ao horizonte e ficaram planos. O Sena, à medida que o piloto subia, dobrou-se. O campo quadriculou-se como uma Europa dos atlas. Os jardins, os campos, as propriedades, as terras amarelas de trigo ou vermelhas de trevos-do-prado, que são o orgulho dos homens e sua preocupação, justapuseram-se hostis. Ridícula, fechada, invejosa, em limites geométricos, confessou-se dentro de um cercado a felicidade dos homens.</p> <p>Em seguida, as cidades reuniram-se acinzentadas. As estradas ao redor delas construíram uma teia de aranha gigantesca cujos fios, que se irradiavam em estrela através dos campos vermelhos, verdes e</p>
---	--

jaune, verte et rouge tout parut destiné à la nourriture des villes (Saint Exupéry, 2021, p. 137-138).	amarelos, capturaram com sua cola os vilarejos tranquilos. E, no campo amarelo, verde e vermelho, tudo pareceu destinado ao alimento das cidades.
--	---

Nas primeiras linhas do primeiro parágrafo, o verbo *livrèrent* merece atenção especial. Tanto o *Dictionnaire de l'Académie française* quanto o dicionário do *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales (CNRTL)* atestam sua polissemia: *livrer* pode significar, segundo o contexto, *entregar* mercadoria a clientes, *abandonar/expor* à ação de algo, *confiar* à responsabilidade de alguém, entre outras possibilidades. Também o sentido de *dar/ceder lugar/passagem a algo ou a alguém* é aceito. Assim, decidimos pela solução *deram lugar ao*, que julgamos adequada ao contexto. Como seguiremos constatando no decorrer do presente relato de trabalho, a polissemia revela-se uma das maiores dificuldades de tradução. Não por acaso, o fenômeno ocupa lugar de destaque nos apontamentos de Paulo Rónai: "palavras cognatas de duas línguas quase nunca apresentam polissemia no mesmo grau [...]. É claro que a polissemia não constitui perigo apenas quando se trata de termos cognatos [...]. Quantos alçapões para um só tradutor!" (Rónai, 2012, p. 44).

Inserimos vírgulas delimitando o apostro *à medida que o piloto subia*, no início do primeiro parágrafo. Ainda, além do emprego sistemático da ênclise já observado acima, destacamos a dificuldade de tradução do participio passado *parqué*. Trata-se de um *falso amigo*, essa classe de palavras de línguas diferentes que, segundo Paulo Rónai, "por causa da etimologia em comum, se assemelham na forma, mas têm sentido diferente [...]. Há também palavras parecidas cuja semelhança não resulta de étimo comum [...], nem por isso elas deixam de constituir escolhos" (Rónai, 1983, p. XII). A palavra *parqué* poderia ser confundida com o substantivo *parque* em português, ou mesmo com o participio *parqueado*, comumente relacionado ao empréstimo do verbo *to park*, do inglês, no sentido de estacionar ou demarcar estacionamento, conotando a presença de automóveis. Já o verbo *parquer*, que dá origem ao participio *parqué* do texto de Saint Exupéry, segundo a edição mais atual do *Dictionnaire de l'Académie française*, faz menção ao ato de cercar determinado espaço de terra destinado à pecuária, onde permanecem animais. No conto em questão, a *felicidade dos homens* assume essa condição de ser membro de um rebanho, sem gozar de liberdade. Por tal razão, optamos por *dentro de um cercado* como solução que, a nosso ver, dá conta da imagem proposta pelo autor. Para o segundo parágrafo do trecho acima, inserimos vírgulas que demarcam os apostos *que se irradiavam em estrela através dos campos vermelhos, verdes e*

*amarelos e no campo amarelo, verde e vermelho.* De fato a língua francesa, no aspecto do emprego da vírgula, parece mais econômica que a língua portuguesa, não se tratando de uma característica particular do texto de Saint Exupéry.

O conto prossegue com as impressões de voo, emprestando à narração o olhar do piloto:

<p>Le pilote chercha les dernières forêts, les forêts où l'imagination s'égaré, qui sont une lèpre et qui s'étendent... Il vit des polygones, sombres parcs à bestiaux, où s'entassaient, comme par l'effet d'une panique, les dos fourmillants et lanos des chênes.</p> <p>Il comprit qu'elle était finie l'ère des légendes, que l'on ne pouvait rien bâtir sur ce paysage synthétique où les campagnes sont sucées par les villes et les villes malades rongées par les gares comme un chancre, où près des fleuves bleus poussent des usines de pierre, où les contours dessinés par des siècles de jalousies, de luttes et des procès sont stabilisés comme un front de guerre, il comprit qu'il ne faut plus demander l'ivresse aux rêves qui bercent et qui anémient mais qu'il faut la tirer de sa force...</p> <p>Alors il la mesura (Saint Exupéry, 2021, p. 138).</p>	<p>O piloto procurou as últimas florestas, as florestas onde a imaginação se perde, que são uma lepra e se espalham... Viu polígonos, sombrios cercados para rebanhos onde se empilhavam, como se estivessem em pânico, os dorsos formigantes e lanosos dos carvalhos.</p> <p>Ele compreendeu que era o fim da era das lendas, que não se podia mais nada construir sobre essa paisagem sintética onde os campos são sugados pelas cidades, e as cidades doentes roídas pelas estações de trem como um câncer, onde, perto dos rios azuis, crescem usinas de pedra, onde os contornos desenhados pelos séculos de invejas, de lutas e processos estão estabelecidos como um front de guerra, ele compreendeu que a embriaguez não vem mais dos sonhos que embalam e debilitam, mas de sua força...</p> <p>Então ele a mediu.</p>
--	--

No primeiro parágrafo, a imagem do cercado retorna em forma de substantivo, que optamos por manter como tal, trazendo os grupos de carvalhos como animais em pânico dentro de um espaço delimitado pela ação humana. Destacamos, também, a comparação *comme par l'effet d'une panique*, em tradução literal *como pelo efeito de um pânico*, que adaptamos para soar mais naturalmente em português: *como se estivessem em pânico*.

No parágrafo seguinte, especificamos em português *estação de trem* para a palavra *gare*, já que a palavra *estação* isolada poderia criar ambiguidades no contexto do trecho, repleto de metáforas e outras figuras de linguagem. Também realizamos uma alteração importante no trecho *il ne faut plus demander l'ivresse aux rêves*: ao invés de traduzir literalmente como *não é mais preciso pedir/solicitar a embriaguez aos sonhos*, optamos por *embriaguez não vem mais dos sonhos*, formulação que consideramos mais próxima do português e que expressa uma constatação equivalente à do narrador.

A partir do parágrafo *Alors il la mesura*, composto de apenas quatro palavras que mantivemos transparentes na tradução, o conto irá assumir uma característica mais romanesca, menos descritiva e contemplativa dos efeitos do impacto do ser humano sobre a

organização da Terra e as impressões sobre ela, passando a narrar a manobra arriscada que o piloto realiza:

<p>Pour acquérir de la vitesse, réservoir d'énergie, il exigea le plein rendement de son moteur. Quand l'air fut comprimé durement sous les ailes comme une aspiration prodigieuse, le pilote lentement tira le manche à lui. Au-dessus de l'horizon flou le capot du moteur émergea, se dressa vers le ciel et l'avion à la verticale fusa. Puis au sommet de la parabole, il se renversa sur lui-même et, le ventre en l'air, poisson mort, il vacilla une seconde.</p> <p>Le pilote qui était noyé dans le ciel vit la terre au-dessus de lui comme une plage s'allonger. Il réduisit alors les gaz, le moteur s'étouffa et l'avion peu à peu retomba sur le nez, sans vitesse, les commandes molles dans l'air mou, et vers le sol, navire torpillé, il coula.</p> <p>Puis le pilote en exigea d'autres efforts, il fit des virages en montant pendant lesquels la force centrifuge vous écrase, des glissades qui vous lâchent en chute libre, sans adhérence au siège, avec un corps de gélatine, vit l'horizon monter comme une vague puis dans un reflux s'évanouir, la terre osciller saoule, se suspendre droite et tomber... (Saint Exupéry, 2021, p. 138).</p>	<p>Para conseguir velocidade, reserva de energia, exigiu o pleno rendimento de seu motor. Quando o ar foi duramente comprimido sob as asas como uma aspiração prodigiosa, o piloto puxou lentamente o manche para si. Acima do horizonte difuso, o capô do motor emergiu, ergueu-se em direção ao céu, e o avião disparou na vertical. Depois, no cume da parábola, virou sobre si mesmo e, com a barriga para cima, peixe morto, vacilou por um segundo.</p> <p>O piloto, que estava mergulhado no céu, viu a terra acima dele alongar-se como uma praia. Então reduziu a potência, engasgando o motor, e o avião pouco a pouco voltou a cair sobre o nariz, sem velocidade, os comandos moles no ar macio, e, em direção ao solo, navio abatido, afundou.</p> <p>Então o piloto exigiu outros esforços da máquina, fez curvas durante as quais a força centrífuga nos esmaga, deslizes que nos soltam em queda livre, sem aderência ao assento, com um corpo de gelatina, e viu o horizonte subir como uma onda, depois num refluxo desaparecer, a terra oscilar bêbada, suspender-se de pé e cair...</p>
--	---

No primeiro dos três parágrafos acima, tivemos dificuldade para traduzir o verbo *fusa*, cujo infinitivo é *fuser*. De acordo com o *Dictionnaire de l'Académie française*, o verbo tem como um dos sentidos a ideia de escorrer ou jorrar com movimento vívido. Parece ter relação com a formação do substantivo *fusée*, que significa *foguete* em português. Desse modo, consideramos a solução *disparou* como satisfatória, mantendo a característica que o narrador cede ao movimento do avião.

No parágrafo seguinte, destacamos o emprego da letra inicial minúscula na tradução da palavra *terre* possivelmente referida ao planeta Terra. Optamos por manter sua inicial minúscula em português, aqui e em outras ocorrências no conto, para aproximar a tradução do texto de partida, evitando o apagamento da polissemia da palavra em francês. No final do parágrafo, a imagem do *navire torpillé* faz referência a um navio atingido por torpedo. Apagamos a relação do participio *torpillé* com o elemento bélico *torpedo*, optando pelo participio *abatido* em português, já que a tradução literal *torpedeado* poderia, a nosso ver, causar ruídos na compreensão, bastando a expressão *navio abatido* para dar conta da imagem do avião nessa condição. Em seguida, o verbo *coula* também provocou hesitações em nosso

trabalho de tradução. Refletimos sobre as opções *despencou* e *afundou*. Visto que o verbo *couler*, em sua polissemia no francês, pode significar *afundar*, relacionado ao domínio marítimo e dando, assim, continuidade à imagem do navio, optamos por esse verbo no pretérito perfeito.

Para o terceiro parágrafo do trecho, destacamos a tradução dos pronomes *vous*, objetos diretos dos verbos *écrase* e *lâchent*, pelos pronomes oblíquos *nos*. Isso porque as duas ocorrências de *vous* teriam de ser traduzidas como o caso oblíquo *vos* em português, o que levaria o texto, a partir de nossa perspectiva, a um nível de língua demasiadamente culto, consequência de uma tradução literal de um idioma para outro. O pronome *nos*, de primeira pessoa, mais habitual nessa natureza de expressão em português, retira consideravelmente a formalidade do trecho sem apresentar, necessariamente, uma coloquialidade, nem um desvio semântico importante. Também optamos por acrescentar a conjunção *e* antes do verbo *vit* [viu], para reforçar a ideia de sequência de ações do sujeito *o piloto*, situado no início do parágrafo.

Passamos à última parte do conto, compreendida na descida do avião e em seu acidente, e que também dividimos em duas sub-partes para melhor análise:

<p>Et brusquement le moteur éternue, bafouille, suffoque, l'hélice grippée s'ankylose... L'avion cingle vers le port minuscule, bande lointaine de terrain.</p> <p>Le moteur s'est tu, l'air coupé par les ailes geint, comme une marée monte la terre.</p> <p>La terre de haut paraissait nue et morte, l'avion descend : elle s'habille ; les forêts lui font une fourrure froide, les vallées, les coteaux font passer en elle une houle, la font vivre. Et le dernier mont qu'il survole se soulève vers lui et le frôle, poitrine de géant qui respire. Les choses parquées et serrées prennent leur aise, un jardin sur lequel il plonge élargit ses massifs comme une fleur s'ouvre, paraît vaste à l'échelle des hommes... (Saint Exupéry, 2021, p. 138).</p>	<p>E, bruscamente, o motor espirra, gagueja, sufoca, a hélice gripada imobiliza-se... O avião sibila em direção ao porto minúsculo, linha longínqua de terreno.</p> <p>O motor calou-se, o ar cortado pelas asas geme como uma maré sobe na terra.</p> <p>A terra, do alto, parecia nua e morta, mas o avião desce e ela se veste; as florestas dão-lhe uma pelugem fria, os vales, as colinas fazem passar nela uma onda, fazem-na viver. E o último monte que ele sobrevoa levanta-se e roça nele, peito de gigante que respira. As coisas cercadas e trancadas libertam-se como querem, um jardim sobre o qual ele mergulha alarga seu conjunto colorido como uma flor que se abre, parece vasto à escala dos homens...</p>
---	--

No final do segundo e no início do terceiro parágrafo, mantivemos a repetição da palavra *terra*. Também optamos por respeitar a utilização de diferentes tempos verbais, como o pretérito perfeito em equivalência ao *passé composé* de *s'est tu*, no segundo parágrafo, e o pretérito imperfeito do verbo *paraissait*, no início do terceiro parágrafo. De todo modo, reformulamos a pontuação do trecho seguinte: apagamos os dois pontos após *l'avion descend*,

incluindo a preposição *mas* lhe precedendo e a conjunção *e* substituindo os dois pontos, visando a uma organização semântica mais clara do trecho em português. Já no final do terceiro parágrafo, a locução *ses massifs*, referente ao jardim, causou-nos alguma dificuldade, dada a polissemia do termo *massif* em francês. Segundo o *Dictionnaire de l'Académie française*, um de seus sentidos indica um grupo de arbustos, de flores, em um jardim. O dicionário do *CNRTL* amplia para um bloco contínuo de elementos em geral, como montanhas ou casas. Acreditamos que traduzi-lo por *seu conjunto colorido* dá conta da imagem proposta pela narração, a superfície (*massifs*) diversa em cores do jardim alargando-se como uma flor que se abre aos olhos do piloto.

Analisemos a tradução do desfecho do conto, onde é descrito o acidente que vinha se desenhando:

<p>Maintenant que la terre est proche, elle coule sous lui comme un fleuve, de l'horizon inépuisable elle charrie des villages en désordre, des forêts, des obstacles de plus en plus lourds.</p> <p>Elle attend maintenant le bolide pour l'accrocher avec ses arbres qui font herse, avec ses murs... La terre va le ratisser. Et le terrain prévu comme une flaque d'eau s'étale, mais trop loin en avant, le pilote pour l'atteindre freine imprudemment sa descente, l'avion baigne dans un milieu sans consistance, oscille, s'enlise.</p> <p>Et brusquement à cent mètres du sol, il se dérobe : l'air pourri a cédé sous les ailes, l'avion, foreuse, plonge en vrille. Un grand remous happe alors le torrent des choses : entraînant ses maisons, ses arbres, ses clochers, carrousel ivre la terre tourne. Un repli de terrain s'arrondit comme un bol, le pilote voit passer encore, lancée par une fronde, une villa, puis la terre jaillit vers lui comme la mer vers le plongeur et le broie (Saint Exupéry, 2021, p. 138-139).</p>	<p>Agora que a terra está próxima, ela corre abaixo dele como um rio, do horizonte inesgotável ela carrega vilarejos em desordem, florestas, obstáculos cada vez mais pesados.</p> <p>Ela espera o bólido para pendurá-lo com suas árvores que fazem uma rede, com seus muros... A terra vai recolhê-lo. E o terreno previsto como uma poça d'água estende-se, mas longe demais à frente, o piloto, para alcançá-lo, freia imprudentemente sua descida, o avião banha-se num meio sem consistência, oscila, atola.</p> <p>E, bruscamente, a cem metros do solo, ele vacila: o ar estragado cedeu sob as asas, o avião, uma broca, mergulha em espiral. Um grande redemoinho apanha a torrente das coisas: levando suas casas, suas árvores, seus sinos, carrossel embriagado, a terra gira. Um pedaço de terreno arredonda-se como uma tigela, o piloto ainda vê passar, lançada por um estilingue, uma mansão, depois a terra jorra em sua direção como o mar ao mergulhador, e o esmaga.</p>
--	--

No primeiro parágrafo, mais uma vez, a polissemia do verbo *coule* fez-nos hesitar sobre a tradução mais adequada para seu contexto de ocorrência. Poderíamos empregar o verbo *escorrer*, mas, em português, parece incomum dizer que um grande curso de água como um rio *escorre* – a imagem da Terra (ou da terra) passando abaixo do avião é comparada com um rio na narração. Assim, julgamos mais pertinentes as possibilidades dos verbos *fluir* ou *correr*, tendo optado por este último, dada a rapidez do movimento que o trecho sugere: *a terra está próxima, ela corre abaixo dele como um rio*.

Na primeira linha do parágrafo final, o verbo *se dérobe* causou uma última dificuldade relevante de compreensão e de tradução. Existente em forma não pronominal e pronominal, sendo esta última o caso no conto, ele apresenta grande polissemia. Consultamos os dicionários monolíngues *Larousse*, da *Académie française* e do *CNRTL*. Constatamos que pode significar algum tipo de desvio, de disfarce, de esquiva ou dissimulação, mas também uma fraqueza de natureza física, uma perda de consistência, como pernas que titubeiam antes de um desmaio. No texto de Saint Exupéry, o trecho que sucede o verbo em questão nos dá uma pista, demonstrando que o avião passa a um mergulho em espiral. Assim, optamos pelo verbo *vacila*, que parece dar conta desse momento chave em que a aeronave tem seu último momento de sustentação no ar, reforçado pela pausa dos dois pontos, que mantivemos.

### Considerações finais

No presente trabalho, apresentamos o conto *Un vol*, de Saint Exupéry, escrito em 1923. Discorremos, inicial e brevemente, sobre suas características formais gerais e seu conteúdo, também o contextualizamos na obra do autor, que retoma imagens e passagens desse texto fundador em publicações posteriores a seu ano de composição. Em seguida, trouxemos nossa tradução integral e comentada do conto em português. Atentamos para algumas adaptações do idioma de partida ao idioma de chegada no nível da terminologia da aviação, no uso da pontuação e do registro de língua, observando especialmente os falsos amigos e a polissemia de palavras nas dinâmicas entre as duas línguas trabalhadas. Por momentos, julgamos conveniente citar o referencial teórico utilizado, a fim de ilustrar os percalços mais comuns encontrados em nosso processo tradutório. Enquanto Dubois (2012) destaca, no trabalho de tradução, o objetivo geral da busca por equivalências dos elementos semânticos e estilísticos entre dois idiomas, Durieux (1999) alerta sobre dificuldades e a impossibilidade de equivalências perfeitas ou transparentes nesse esforço, daí a necessidade do(a) profissional tradutor(a) realizar escolhas, propor soluções. Já Rónai (1983, 2012) atenta-nos sobre tipos de dificuldades, além de explorar armadilhas particulares à tradução do francês como língua de partida e do português como língua de chegada.

O presente trabalho concerne a nosso primeiro esforço de traduzir integralmente *Un vol* em português. Tratando-se de um texto inédito no idioma, estamos cientes da importância que daí decorre, mas observamos igualmente que, já no fato do ineditismo, surgem dificuldades para sua tradução, somadas à escassa fortuna crítica sobre a obra. Não realizamos, no

processo tradutório e nos comentários aqui apresentados, um estudo exaustivo de teorias da tradução a serem aplicadas, nem detalhamos outras nuances do importante corpus utilizado. De todo modo, acreditamos que seja satisfatório o que foi aqui exposto, em caráter preliminar e a fim de reconhecimento do conto em seus aspectos globais e nos desafios de tradução que deles decorrem desde já.

## Referências

**DICTIONNAIRE DE L'ACADÉMIE FRANÇAISE.** Disponível em: <https://www.dictionnaire-academie.fr>. Acesso em 20 jun. 2024.

**DICTIONNAIRE DU CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES.** Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/definition/>. Acesso em 05 ago. 2024.

**DICTIONNAIRE MONOLINGUE LAROUSSE.** Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais-monolingue>. Acesso em 05 ago. 2024.

DUBOIS J. et alii. **Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage.** Paris: Larousse, 2012.

DURIEUX, Ch. La difficulté en traduction. **Revue des lettres et de traduction**, N° 5, 1999.

GALEMBERT, L. Remarque liminaire sur l'orthographe du patronyme. **Cahiers Saint Exupéry IV.** Paris: Éditions de l'Astronome, 2020.

**RAJADAS DE VENTO.** Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC). 27 ago. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/anac/pt-br/assuntos/seguranca-operacional/meteorologia-aeronautica/con-dicoes-meteorologicas-adversas-para-o-voou/rajadas-de-vento#proa>. Acesso em 11 abr. 2024.

RÓNAI, P. **A tradução vivida.** Rio de Janeiro: José Olympo, 2012.

RÓNAI, P. **Guia prático da tradução francesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

SAINT EXUPÉRY, A. de. **Du vent du sable et des étoiles, éd. Alban Cerisier.** Paris: Gallimard, Quarto, 2021.

SAINT EXUPÉRY, A. de. **Œuvres d'Antoine de Saint-Exupéry.** Paris: Librairie Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1959.

**VENT DEBOUT.** Radio France. 04 abr. 2018. Disponível em: <https://mediateur.radiofrance.com/videos/vent-debout-le-sens-des-mots/>. Acesso em 11 abr. 2024.